

## A violência na programação infantil da televisão aberta no Brasil

Leila Maria Vieira Medeiros<sup>1</sup>, Mônica Cristina Batista de Melo<sup>2</sup>, Érika Neves de Barros<sup>3</sup>  
& Andréa Lages<sup>4</sup>

Um dos maiores problemas da humanidade é a violência. Propor ações e soluções para essa realidade não é algo simples, pela complexidade do tema. O fato é que de tanto participar do nosso dia-a-dia, a violência parece ter se cronificado, deixando-nos cada vez mais tendenciosos a praticá-la como uma ação legitimada. Estudos revelam a magnitude do problema e a grande proposta científica é conhecer as possíveis origens do comportamento agressivo/violento para preveni-lo. Partindo desse princípio, estudar a violência tendo como foco a criança e a televisão atende a essa demanda. O trabalho em foco analisou as cenas de violência veiculadas na programação infantil da televisão aberta no Brasil e determinou a frequência de veiculação dos atos de violência. O estudo é do tipo descritivo, de corte transversal. Foi analisada a programação infantil de duas redes de televisão durante o dia de sábado. Para a coleta dos dados utilizou-se um questionário e os resultados revelaram que foi veiculado um total de 632 atos de violência, o filme infantil que com maior número de cenas violentas foi o Pica-pau e o tipo de violência mais comum foi a interpessoal.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia violenta; Crianças; Consumo; Filmes; Violência.

### 1. Introdução

Estamos em uma época de violência ímpar na história da humanidade. Esse fenômeno é um dos assuntos que mais se comenta; os casos se sucedem e os relatos estão presentes nas conversas das pessoas no cotidiano, nos jornais, revistas, programas de televisão, filmes e livros. O termo violência vem do latim – *violentia*,

---

1 Psicóloga, Especialista em Psicologia Clínica e Hospitalar, Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP/PE) (leilamedeiroslm@hotmail.com)

2 Psicóloga, Especialista em Psicologia Hospitalar, Mestre e Doutoranda em Saúde Materno Infantil no Instituto Materno Infantil Professor Fernando Figueira (IMIP/PE).

3 Psicóloga, Especialista em Saúde Coletiva pela Faculdade Maurício de Nassau

4 Fonoaudióloga, Especialista em Saúde Coletiva pela Faculdade Maurício de Nassau e Mestranda em Saúde Coletiva CNPqAM/FIOCRUZ.

cujo significado é caráter violento ou bravo, força. O verbo *violare* significa tratar ou ofender com violência, profanar, transgredir<sup>1</sup>. A definição segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) de violência é “uso intencional de força física, ou de poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência, de desenvolvimento ou privação”<sup>2</sup>. Esta definição compreende tanto a violência interpessoal como o comportamento suicida e os conflitos armados. De acordo com a OMS, a violência contra a criança e o adolescente é todo ato ou omissão cometido pelos pais, parentes, outras pessoas e instituições, capazes de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima.

A violência classifica-se em: 1. Auto-inflingida, comportamento suicida e autolesões; 2. Interpessoal, com família/parentes (crianças, adolescentes, casal e idosos) e/ou em comunidades (conhecidos e estranhos); 3. Coletiva, social, política e econômica. Quanto à natureza, a violência pode ser física, sexual, psicológica ou privações e desatenções/negligências<sup>3</sup>.

A violência não é um fenômeno novo, já se faz presente em todas as épocas e lugares. Opiniões diferentes sobre a natureza da violência sempre existiram e a discussão gira em torno de o comportamento ser inato e instintivo ou aprendido. A Psicologia Social restringe seu foco aos fenômenos e suas características psicossociais, com ênfase em examinar os processos cognitivos, afetivos e comportamentais, suscitados por situações sociais ditas instigadoras de violência. Os estudos nessa área procuram responder se existe propensão natural no homem para agredir e quais circunstâncias provocam ou predispõem as pessoas a cometerem atos violentos e, ainda, se é possível controlar, reduzir ou prevenir a violência. A teoria da Aprendizagem Social<sup>4</sup> defende que as diferentes sociedades lidam de forma diferente com os aspectos do comportamento graças à aprendizagem social. De acordo com essa teoria, as normas são aprendidas em casa, na escola, nas instituições religiosas, com os colegas, através da mídia e das artes. Esses modelos são passados de geração em geração e nos orientam sobre a forma de como ser no mundo.

O fenômeno da influência social, que se refere ao fato dos indivíduos terem a capacidade inata de influenciar e serem influenciados a uma ou a várias atitudes e comportamentos também faz parte dessa linha de pensamento teórico<sup>5</sup>.

O grupo de teóricos que defendem a idéia de que o comportamento agressivo no homem é de fato adquirido, privilegiam a idéia de que esses comportamentos são adquiridos pelo processo da aprendizagem com outros seres humanos. Esses estudiosos sugerem a existência de dois processos de aprendizagem: 1. A aprendizagem instrumental, cujo processo se dá através do reforço ou recompensa; 2. A aprendizagem observacional, cujo processo se dá pela modelagem

social, que consiste na adoção de comportamentos, pela observação de ações de outras pessoas consideradas “modelos”, de acordo com Bandura<sup>6,7,8</sup>.

Ambas as teorias, de base biológica e psicológica, tentam entender porque as pessoas são capazes de agredir, mas não explicam porque elas são instigadas para tal. Para tentar responder a essa pergunta, surge a hipótese da sociopsicologia da frustração-agressão, que, em síntese, defende que os seres humanos parecem ter uma tendência inata a responder com agressão aos estímulos agressivos que recebem, mas deixa claro que esta reação não é somente um comportamento de estímulo-resposta, mas sim uma situação complexa que vai depender do sujeito, de sua estrutura biológica e de seu contexto socioeconômico e cultural.

Percebe-se que para facilitação do processo de desenvolvimento infantil contamos com todo um contexto, em um cenário rico em informações e relações, que são transmitidas e vividas das mais diversas formas. No universo das oportunidades de desenvolvimento, a criança parece contar com a mídia como facilitadora na introdução e manutenção de comportamentos, pois se sabe que a mesma é um poderoso meio de disseminação de tendências e de facilitação da socialização, uma vez que, dentre outros aspectos, a criança pode ampliar seus conhecimentos, aprender regras e adotar modelos de comportamento, vistos na televisão, por exemplo, e esses modelos, regras e conhecimentos serem estocados na memória e reproduzidos em certas circunstâncias.

Dentre todas as mídias veiculadas na contemporaneidade, a televisão (TV) é a mais significativa e popular de todas. Por ela se obtém as informações sobre o mundo e modelos de comportamento, assim como é um “lugar” almejado por muitos. A visibilidade e a forma da TV tanto podem se apresentar por meio de poder e prazer como podem transformar-se em maneira controle. A influência da televisão é compreensível quando pensamos no modo como as crianças aprendem. Desde o surgimento da humanidade, as crianças aprenderam habilidades, crenças, comportamentos observando os demais. Elas se baseiam nos modelos para aprender e agir no mundo através da observação, da imitação e das interações, graças essencialmente à aprendizagem social e ao processo de identificação<sup>9</sup>. É inegável a participação da TV na formação dos indivíduos, pois é facilitadora da construção da nossa identidade cultural e da cidadania. E, pela sua importância e participação no cotidiano das pessoas, tornou-se um dos focos de estudos na busca da ciência para compreender o processo da adoção de comportamentos violentos.

Pesquisas de abrangência mundial e local sobre violência e mídia, patrocinadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO)<sup>10</sup> vêm revelando alguns aspectos presentes em quase todo o mundo. Um deles é o acesso quase universal a televisão: média de 93% de crianças tem acesso a TV, para o conjunto de pesquisa, mas variando de 99% na Europa e no Canadá, a 83% na

África. E, na América Latina, local onde se constata a miséria e o subdesenvolvimento, está o Brasil com 97% das crianças com acesso a TV.

314

Analisando os trabalhos de investigação sobre criança e violência na mídia Belloni (2004) percebeu que apesar de possuírem metodologias diferentes e de estarem ancorados em teorias diferentes, os achados, principalmente pela complexidade do fenômeno e por suas várias implicações sociais, não têm sido consistentes nem conclusivos, mas apontam para a violência na mídia ser um dos mais importantes fatores na deflagração da violência social e individual. Esse fato ocorre principalmente em crianças que estão mais expostas à mídia, e quando essas, coincidentemente, estão inseridas em famílias possuidoras de menor poder socioeconômico. Outro aspecto comentado pela autora citada foi sobre o gosto pelas cenas de violência, e por essas cenas não serem consideradas pelas crianças como assustadoras, mas sim como bonitas (apreciação da estética e da qualidade técnica), engraçadas e divertidas. A autora comenta também sobre os achados da maneira como os adolescentes e crianças lêem e interpretam as mensagens de violência. Segundo as investigações, observa-se uma certa tendência à banalização, uma dessensibilização e naturalização da violência real, bem como a mudança de valores e sentimentos transitando para entendê-la como um meio legítimo de realizar desejos e solucionar conflitos<sup>11,12,13</sup>.

Outro aspecto de grande relevância é o tempo que as crianças passam assistindo programas dessa natureza. Um estudo sobre essa perspectiva revela que crianças de famílias pobres, com aproveitamento escolar deficiente, ou com pais que assistem muito à televisão, tendem também a assistir significativamente mais horas por dia<sup>14</sup>. No mesmo estudo, foram testadas três hipóteses: (1) Crianças que assistem mais horas de televisão por dia apresentam mais sintomas de trauma; (2) Crianças que assistem mais horas de televisão por dia apresentam comportamento mais violento; (3) Crianças que preferem programas de ação e luta apresentam comportamento mais violento. Todas essas hipóteses foram confirmadas pelo referido estudo, ou seja, a violência que mais contribui para um comportamento agressivo normalmente envolve um perpetrador atraente, ações justificadas por um herói e cenas realistas ou que não mostram as conseqüências da violência.

No contexto da(s) ciência(s) percebe-se fortes tendências para afirmar que a violência na mídia contribui para violência na vida real. Década de 70, o efeito da violência na mídia sobre as crianças foi estudado exaustivamente por pesquisadores de importantes universidades americanas<sup>15</sup>. Sendo observado que assistir televisão pode ter efeitos benéficos ou nocivos sobre as crianças, dependendo do conteúdo da programação e do tempo gasto assistindo<sup>16</sup>. Sabe-se que as crianças formam um grupo cativo e facilmente impressionável. Estudos sobre as reações à programação infantil entre crianças de 06 (seis) e de 09 (nove) anos sugeriram que elas eram capazes de identificar os personagens “bons” e “maus” dos programas de TV, mas

ficavam em dúvida quanto ao enredo principal e tendiam a desenvolver novas histórias baseadas nos indícios oferecidos pelos programas. Outro achado no trabalho foi que a capacidade das crianças de distinguir fantasia de realidade de forma mais sofisticada inicia-se por volta de oito e nove anos de idade<sup>17</sup>.

A TV pode afetar seus telespectadores de duas maneiras: por substituir outras atividades e por seu conteúdo<sup>18</sup>. Parece que na comunidade científica não há dúvidas de que assistir a uma grande quantidade de violência na televisão aumenta a probabilidade de crianças telespectadoras adotarem comportamentos e atitudes agressivas<sup>19</sup>, pois o foco de pelo menos 1.000 publicações de pesquisas tem sido a possibilidade de uma ligação entre violência causada pela televisão e violência real. Os últimos 20 anos de pesquisa sobre violência na TV forneceram evidências sobre a correlação entre a observação de violência por crianças e comportamentos agressivos<sup>20</sup>.

Parece existir um ciclo vicioso, em que a violência da programação televisiva torna as crianças mais agressivas, e esse público alvo passa a assistir mais violência para justificar seus próprios comportamentos. Talvez o mais forte indicativo de que a violência na mídia é um importante fator contribuinte para um comportamento violento e hostil seja dado pela meta-análise realizada por Paik e Comstock<sup>21</sup>. A análise revelou que assistir constantemente violência na mídia está associado com níveis mais altos de comportamento anti-social, que variam desde o trivial (violência imitada com brinquedos) até a delinqüência (atos criminosos), com vários efeitos resultantes possíveis (aceitação da violência como solução de problemas, aumento de sentimento de hostilidade, e a propensão a provocar um estímulo doloroso em outra pessoa).

Há também cinco efeitos comuns gerados pela violência na TV. Os mais estudados têm sido a imitação e a agressão. Outro efeito é o medo. Este caso não tratado, pode se manifestar tardiamente como depressão ou agressão, especialmente em jovens sem apoio familiar. Um outro efeito observado é uma falsa percepção da realidade da violência. De um lado a mídia exagera, fazendo com que a violência pareça mais prevalente do que é, fazendo-a onipresente na sociedade. Por outro lado, as crianças superestimam a capacidade do próprio corpo para resistir à violência. O último efeito é o hábito.

Em um estudo clássico conduzido por Drabman e Thomas<sup>13</sup>, foi provado que o hábito de assistir violência na TV causa dessensibilização emocional a atos de violência no mundo real. Segundo esses autores crianças que assistem a violência na mídia se habituariam ao processo de observar violência e não reagir, e esse hábito então é transferido para situações reais. Seguindo essa linha de estudo, pesquisas confirmaram que crianças que assistem a violência na televisão rotineiramente se tornam insensíveis à violência que observam no mundo real, e são menos susceptíveis a tomar uma atitude quando vêem outra pessoa sendo vítima de agressão<sup>13</sup>.

Considerando que crianças que se comportam de forma agressiva são menos populares, e talvez por suas relações com seus colegas não serem satisfatórias elas assistem mais televisão e vêem mais violência. A violência que assistem na televisão as assegura que seus comportamentos são apropriados, ou ensinam a elas novas técnicas coercitivas que elas podem tentar usar em suas interações com os colegas. Desse modo, elas se tornam mais agressivas, o que as torna ainda mais impopulares, e as leva de volta à televisão. Os achados científicos também sugerem um papel semelhante em relação a fracassos acadêmicos. As crianças que fracassam na escola assistem mais televisão, talvez porque elas achem a TV mais prazerosa que a tarefa de casa. Deste modo, elas estão expostas a mais violência e têm mais oportunidades de aprender atos agressivos<sup>17</sup>.

Outra grande área de pesquisa sugere que crianças que assistem muita televisão vêem o mundo como um “lugar assustador”, especialmente quando se identificam com vítimas de incidentes maldosos ou assustadores<sup>18</sup>. Muitas crianças que assistem grandes doses de violência na TV são propensas a aumentar seus comportamentos de auto-proteção e desconfiança, o que as deixa em uma posição de maior risco de problemas psicológicos e sociais<sup>19</sup>. Existe um número crescente de evidências que a violência na mídia produz um medo intenso em crianças, de duração bastante variável. Os efeitos incluem pensamentos obsessivos, pesadelos repetitivos e distúrbios do sono. Além disso, as crianças também se tornam hesitantes em participar de atividades de rotina relacionadas com as cenas assustadoras.

Crianças pequenas podem sofrer efeitos duráveis do medo de um trecho breve e visualmente perturbador de um programa ou filme. Efeitos de longo tempo do medo induzido pela mídia não se limitam a crianças pequenas, pois adolescentes freqüentemente experimentam angústia prolongada causada por programas ou filmes, especialmente aqueles envolvendo violência sexual ou forças sobrenaturais<sup>20</sup>.

Embora pesquisas sugiram que a violência na mídia tenha mais aceitação em telespectadores violentos que em não-violentos, vários experimentos com designação aleatória de indivíduos para ver ou não violência mostram que os achados não podem ser explicados apenas por exposição seletiva. Uma pesquisa de campo demonstrou claramente que a relação entre assistir violência e agressividade entre os telespectadores é bidirecional e concluíram que assistir televisão acentua o nível de agressão em meninos, mas não em meninas, mesmo que ambos assistam televisão durante o mesmo tempo e, ainda, que as meninas lembram do conteúdo do programa da mesma forma, ou até melhor, do que os meninos<sup>21</sup>.

Os benefícios da televisão são inquestionáveis, quando se fala em divulgação de campanhas de saúde, informações, programas educativos e entretenimento. Estudos já revelaram que crianças expostas a programas de TV que divulgam comportamentos socialmente aceitos e valores éticos imitam essas informações.

Outros estudos realizados após o programa Vila Sésamo, concluíram que as crianças que mais viam ao programa eram as que mais aprendiam, tinham um vocabulário mais rico e eram mais instruídas de modo geral<sup>24 25</sup>.

A relação entre exposição à mídia violenta e a agressividade de crianças tem sido estudada e alguns achados<sup>26</sup> revelam que quando se reduz à exposição da criança à mídia violenta o comportamento agressivo dela é reduzido, mas não se tem avançado muito quanto às soluções. Uma outra pesquisa realizada mundialmente sobre a percepção dos jovens sobre a violência nos meios de comunicação feita pela UNESCO revelou que, dependendo dos traços de personalidade das crianças e do contexto no qual estão inseridas, a violência na mídia pode satisfazer algumas necessidades, assumindo um caráter compensatório e assim contribuindo para uma cultura agressiva. No mesmo trabalho, o coordenador da pesquisa cita sua teoria sobre violência, com base no resultado dessa pesquisa – A Teoria da Bússola. Essa teoria é assim explicada, segundo o autor: “dependendo das experiências já existentes, do controle social e do meio cultural, o conteúdo da mídia oferece uma orientação, um quadro de referência, que determina a direção do comportamento de cada um”<sup>27</sup>. No trabalho de revisão da literatura produzido pela área de saúde nacional e internacional, percebe-se alguns aspectos relevantes quanto ao tema: escassez de pesquisas brasileiras na área, necessidade de mais diálogo entre as várias disciplinas e a necessidade que os trabalhos respeitem as peculiaridades culturais e as formas de socialização dos sujeitos<sup>28</sup>. Diante do acima exposto, o presente trabalho de investigação teve como objetivo, determinar a frequência de veiculação de atos de violência na programação infantil da televisão aberta no Brasil.

## **Objectivos**

### **Geral**

Quantificar a frequência de veiculação de atos de violência na programação infantil da televisão aberta no Brasil.

### **Específicos**

Determinar o número de atos de violência veiculados na programação infantil por emissora, por filme e por país de origem;

Especificar os tipos de violência veiculados.

## Métodos

Trata-se de um estudo do tipo descritivo, de corte transversal. Foram observados os filmes veiculados na programação infantil das redes Globo e Tribuna. Para a coleta de dados utilizou-se um questionário contendo um conjunto de questões sobre os filmes tais como: título do filme, país de origem, gênero do filme, violência contra si mesmo, violência interpessoal, violência intrafamiliar, violência à comunidade, violência psicológica, violência coletiva e trabalho infantil. Os dados foram analisados, quantificados e documentados na forma de tabelas.

## Resultados

Um total de 14 filmes foi analisado, dos quais 09 (nove) exibidos através da rede Globo e 05 (cinco) pela rede Tribuna de televisão. Dos filmes analisados 11 (onze) são de origem americana e 05 (cinco) japoneses. Todos têm classificação livre e são desenhos animados. Foram quantificados um total de 306 atos de violência veiculados pela Rede Globo e 329 atos de violência veiculados pela Rede Tribuna de televisão, destes, pode-se descrever: 1. Pela Rede Globo de televisão, 11 de violência contra si mesmo, 231 de violência interpessoal, 32 de violência intrafamiliar, 07 de violência contra crianças, 05 de violência contra idosos, e 10 de violência coletiva. A maior frequência de atos violentos foi veiculado pelos filmes: A princesa encantada, Jackie Chan, Os Simpsons, Jake Long, Power Rangers, Kim Possible, Pokemon e Padrinhos mágicos respectivamente. O filme Lulutoon não apresentou atos violentos. 2. Pela Rede Tribuna de televisão pode-se perceber 07 de violência contra si mesmo, 238 de violência interpessoal, 44 de violência intrafamiliar, 01 de violência contra crianças, 03 de violência contra idosos, 06 de violência comunitária, 29 de violência coletiva, 01 de negligência. A maior frequência de atos violentos foi veiculada pelos filmes: O Pica-Pau, Bethoven, Dragon Booster, O velho testamento e O novo testamento respectivamente.

## Discussão

Considerando-se a Teoria da Bússola apresentada na introdução do nosso trabalho, o conteúdo de mídia violenta veiculado pela programação infantil na atualidade inspira cuidado, uma vez que, segundo esta teoria, “dependendo das experiências já existentes, do controle social e do meio cultural, o conteúdo da mídia oferece uma orientação, um quadro de referência, que determina a direção do comportamento de cada um”<sup>18</sup>. O trabalho de Vedel (2001) refere a respeito de 07 (sete) “teorias” ou tendências de pesquisas na área de violência e mídia, sendo elas: 1. A teoria da Catarse – segundo essa teoria, a violência na tela permite uma realização fantasmática das pulsões agressivas e facilita a descarga das tensões e das energias agressivas, bem

como promove a economia da passagem ao ato; 2. A teoria do Filobatismo: defende que a televisão permite aos espectadores provar sem risco o prazer da violência; 3. A teoria da Inibição – as cenas de violência mostram as conseqüências que decorrem dela e ensinam aos espectadores a temerem sua própria violência; 4. A Teoria do Vício (*accoutumance*) – a repetição das cenas de violência visionadas conduz a uma insensibilização progressiva com relação à violência; 5. A Teoria da Incubação Cultural – a televisão influi sobre a maneira pela qual os indivíduos representam a realidade social; 6. A Teoria da Ativação – a violência vista na televisão ativa as predisposições agressivas dos indivíduos; 7. A Teoria da Aprendizagem Social – os comportamentos (modelos) vistos na televisão possivelmente serão adotados pelas crianças em função do processo de aprendizagem<sup>29</sup>.

Percebe-se que a sociedade na contemporaneidade é um terreno propício para que ocorram atos violentos, porque os valores éticos e morais das pessoas estão fragilizados e desagregados, não servindo como um porto seguro para as dificuldades da vida e como meio de orientação. O deslizamento é inevitável, para um tipo de estrutura psíquica frágil. Daí o aumento assustador da criminalidade, homicídios por causas banais, atitudes destrutivas em relação ao patrimônio público ou privado, prejudicando a si mesmo, sem dor nem arrependimento. Somando esta realidade aos resultados encontrados quanto à quantidade de estímulo que a criança recebe através da mídia violenta, é possível refletir sobre os riscos da adoção do comportamento violento e possivelmente a reforços nas teorias que defendem sobre a adoção de atos violentos após sua exposição através da mídia.

### Considerações Finais

É importante refletir sobre a perspectiva utilizada em nosso estudo onde se optou por adotar as definições de violência praticada entre seres humanos para todas as cenas exibidas pelos filmes independentes de serem ou não desenhos animados. Um dos aspectos relevantes do presente estudo é que a forma de observação adotada chama a atenção para o quanto de violência pode ser veiculado de forma clara, indireta ou disfarçada para o consumo do público infantil.

### Referências:

1. Odalia, N. (1991). *O Que é a Violência*. São Paulo: Brasiliense.
2. Organização Mundial De Saúde (OMS), (2002). *Informe Mundial sobre la violencia y la salud: resumen*. Washington, D.C.:OPS.
3. Andrade, A. P. (2008). A convenção sobre direitos da criança em seu décimo aniversário: avanços, efetividade e desafios. *Revista Igualdade*.
4. Myers, D. G. (1996). *Social psychology*. New York: McGraw-Hill.

5. Bandura, A. (1973). *Aggression: a social learning analysis*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
6. Bandura, A., Ross, D. & Ross, S. A. (1961). *Transmission of aggression through imitation of aggressive models*. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, pp. 573-582.
7. Bandura, A., Ross, D. & Ross, S. A. (1963). *Imitation of film-mediated aggressive models*. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, pp. 3-11.
8. Berkowitz, L. (1972). Social norms, feelings, and other factors affecting helping and altruism. In: Berkowitz L. *Advances in experimental social psychology* (vol.6). New York: Academic Press.
9. Freud, S. (1921). *Psicologia dos grupos e análise do ego*. Rio de Janeiro: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.
10. Belloni, M. L. (2004). Infância, máquinas e violência. *V Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul*, pp. 575-598.
11. Belloni, M. L. (1998). A estética da violência. *Comunicação e educação*.
12. Belloni, M. L. (2001). *O que é mídia educação*. Campinas: Autores Associados.
13. Singer, M. I., Slovak, K., & Frierson, T. (1998). Viewing Preferences of Psychological Trauma, and Violent Behaviour Among Children Who Watch Television. *J. Am. Child Adolesc. Psychiatry*, 37-10; 1041-8;.
14. Brink, P. J. (2001). Violence on TV and aggression in children. *West J Nur Res*, 23(1), 5-7.
15. Gupta, V. B. & Nwosa, N. M. (2001). Externalizing behaviours and television viewing in children of low-income minority parents. *Clin Pediatr*, 40(6), 337-41.
16. Anne, S. (2003). Interfaces da violência televisiva no processo de socialização da criança: agressividade. *Unimontes Científica*, V.5, 2 - Julho/Dezembro.
17. Eron, L. D. (1995). Media Violence. *Pediatric Annals*. 24(2), 84-86.
18. Jonhson, M. O. (1996). Television Violence and Its Effect on Children. *J. Ped Nur.*, 11(2), 94-9.
19. Singer, M. I. & Frierson, T. (1998). Viewing Preferences of Psychological Trauma, and Violent Behaviour Among Children Who Watch Television, 37(10), 1041-1048.
20. Hough, K. J. & Erwin, P. G. (1997). Children's attitudes toward violence on television. *J. Psychol.*, 131(4), 411-415.
21. Singer, M. I., Slovak, K. & Frierson, T. (1998). Viewing Preferences of Psychological Trauma, and Violent Behaviour Among Children Who Watch Television. *J. Am Children Adolesc Psychiatry*, 37(10), 1041-1048.
22. Cantor, J. (2000). Media Violence. *J. Adoles Health*, 27, 30-34.
23. Hough, K.; Erwin, P.G. (1997). Children's Attitudes toward violence on television. *J. Psychol.* 131(4), 411-415.
24. Corporate Research Department. (1991). What research indicates about the educacional effects of sesamo street. New York, NY: *Children`s Television Workshop*, February.
25. Bar-On, M. (2000). The effects of television on children health: implications and recommendations. *Arch Dis Child*, 83, 289-292.
26. Robinson, T. N.; Wilde, M. L.; Navracruz, L. C.; Haydey, K. F.; Varady, A. (2001). Effects of reducing children's television and video game use on aggressive behavior: a randomized controlled trial. *Arch Pediatr Adolesc Med.*, 155, 17-23.
27. Groebel, J. (1998). *Percepção dos jovens sobre violência nos meios de comunicação*. Brasília: Unesco.
28. Kathie, N. & Minayo, M. C. S. (2004). A violência na mídia como tema da área da saúde pública: revisão da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9(1), 201.
29. Vedel, T. (2001). Les théories de la relation entre violence et télévision. In: Bévore E, Frémont P. *Médias, violence et éducation: l' école face aux discours sur lès violences tenus dans lès médias*. Paris.

## “Violence in children’s television series broadcasting in Brazil”

Violence is one of the biggest problems of Humanity. It’s not simple to propose actions and solutions for this reality, for the complexity of the subject. The fact is, due to be so present in our days, it seems that violence has become chronic, letting us more and more tendentious practicing it like a legitimized action. Studies reveal the magnitude of the problem and the great scientific proposal is to know them possible origins of the aggressive / violent behaviour to prevent it. Following this principle, the study of violence must focus the child and the television. This study analyzed the violence scenes at the children’s television series in Brazil and determined the frequency of acts of violence. The study is descriptive and of cross cut. It was analyzed the children’s television series of two television channels during Saturdays. Data were obtained using a questionnaire and the results showed that there was registered a total of 632 acts of violence, the Woodpecker was the child movie with bigger number of violent scenes and the commonest type of violence was the interpersonal one.

KEYWORDS: Violent media; Children; Consume; Movies; Violence.